

# O CÉLEBRE TELESFORO SALVATIERRA, O HERÓI DA TERRÍVEL TRAGÉDIA DE CARAPANATUBA: CONFLITOS PELA POSSE DE SERINGAIS E O MUNDO DO TRABALHO NO RIO MADEIRA

THE CELEBRATE TELESFORO SALVATIERRA, THE HERO  
OF THE TERRIBLE TRAGEDY OF CARAPANATUBA: CONFLICTS BY THE  
POSSESSION OF SERINGAIS AND THE WORLD OF WORK IN RIO  
MADEIRA

Paula de Souza Rosa<sup>1</sup>

Jéssyka Sâmya Ladislau Pereira da Costa<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo analisa, a partir da trajetória do negociante e seringalista boliviano Manoel Telesforo Salvatierra, a expansão conflituosa da fronteira extrativista e as relações estabelecidas no mundo do trabalho do rio Madeira, na segunda metade do século XIX. Para tanto, utilizamos as ferramentas da microanálise e reconstituímos as redes de relações familiares, econômicas e sociais estabelecidas por Telesforo Salvatierra na Bolívia, no rio Madeira e nas províncias do Amazonas e Pará.

**Palavras chaves:** Conflitos; Fronteira Extrativista; Mundo do Trabalho

## Abstract

This paper analyzes, from the trajectory of the Bolivian merchant and rubber tapper Manoel Telesforo Salvatierra, the extractive frontier conflicting expansion, as well as labor world relations on the Madeira River in the second half of the 19th century. Therefore, we use microanalysis tools in order to restore family networks, economic and social relationships settled by Telesforo Salvatierra in Bolivia, on the Madeira River and in the provinces of Amazonas and Pará in Imperial Brazil.

**Keywords:** Conflicts; Extractive Frontier; labor world.

<sup>1</sup> Doutoranda em História Social da Amazônia, com ênfase em Migração, População, Família e Sociedade. Integrante do grupo de Pesquisa População Família e Migração na Amazônia- RUMA (UFPA/CNPq)

<sup>2</sup> Doutoranda em História Social na Universidade Estadual de Campinas.



## Introdução

Assassinatos no Madeira

O *Celebre* Salvatierra

O *Commercio do Pará* publicou hontem uma carta do Rio Madeira, que relatava minuciosamente o assassinato de Alvaro Cezar da Conceição, seu caixeiro Henrique Giesseking, súbdito alemão, e dois tapuias velhos, remadores.

É autor desta horrível carnificina o celebre Telesphoro Salvatierra, o herói da terrível tragédia de Carapanatuba, onde foram sacrificadas tantas vítimas!<sup>3</sup>

No decorrer de 1887, a imprensa das províncias do Amazonas e Pará repercutiram a notícia do conflito ocorrido entre os seringalistas e comerciantes Manoel Telesforo Salvatierra, um boliviano; e Álvaro Cesar da Conceição, um português. A origem dessa disputa pode ser remontada ao ano de 1883, quando foi dissolvida a sociedade comercial, existente entre esses agentes históricos e que tinham como objetivo a exploração e comercialização de borracha no igarapé de Carapanatuba, afluente do rio Madeira, na Província do Amazonas.<sup>4</sup> Todavia, esse não foi o primeiro conflito no qual se envolveu Salvatierra. Durante os quase 20 anos de sua trajetória no rio Madeira, ele esteve ligado à inúmeras contendas motivadas pelas disputas por estradas de seringa ou pelo controle da mão de obra.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar a trajetória do negociante boliviano Manoel Telesforo Salvatierra e as relações do mundo do trabalho na região do rio Madeira, na segunda metade do século XIX. O período compreende a expansão da economia da borracha que, por sua vez, possibilitou um maior dinamismo econômico e circulação de pessoas na região amazônica. Para tanto, fizemos uso do aparato técnico-conceitual da micro-história italiana, em um constante jogo de escalas.<sup>5</sup> Tendo o nome por fio condutor, formamos um corpo documental composto por notícias de jornais, processos criminais e diversas fontes auxiliares. No caso das fontes jurídicas, elas foram encontradas no Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Amazonas, localizado

<sup>3</sup> *Diário de Notícia (PA)*, 6 de agosto de 1887, anno VIII, número 176, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/763659/6521>.

<sup>4</sup> *Jornal do Amazonas (AM)*, 3 de fevereiro de 1887, anno II, número 161, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/260940x/584>. *Diário de Notícia (PA)*, 6 de agosto de 1887, anno VIII, número 176, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/763659/6521>; *Diário de Notícias*, 7 de março de 1885, anno VI, número 53, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/763659/3929>

<sup>5</sup> GINZBURG, Carlo. *A Micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.



na avenida Constantino Nery, em Manaus. Já o processo criminal referente ao assassinato de Álvaro Cesar da Conceição está localizado no Arquivo da 1ª Vara da Comarca de Manicoré, Fórum Coriolano Lindoso<sup>6</sup>.

Desse modo, a partir da microanálise da reconstituição das relações sociais, comerciais e políticas do comerciante boliviano Manoel Telesforo Salvatierra, procuramos discutir importantes aspectos da história da região amazônica, como: a expansão conflituosa da fronteira extrativista e as singularidades do mundo do trabalho no rio Madeira do século XIX.

### **Da Bolívia ao Rio Madeira: trajetória e conflitos**

Manoel Telesforo Salvatierra nasceu em 1845, no vilarejo de Palmar, nas proximidades de Santa Cruz de la Sierra, República da Bolívia. Era filho dos pequenos comerciantes *Dom*<sup>7</sup> Juan Salvatierra e dona Ramona Alpire. Pertencente a uma família de condição modesta e de poucos bens, Manoel era o mais novo de três irmãos (Nicanor Gonzalo, Antônio e Manoel Telesforo).

De acordo com as fontes, o primeiro a migrar de Santa Cruz de La Sierra foi Nicanor, em fins da década de 1850. Ainda em tenra idade, empreendeu viagem em direção ao Departamento do Beni<sup>8</sup>. Recém-chegado a região, começou a trabalhar como peão/seringueiro assalariado na exploração de quina, importante produto farmacêutico para o tratamento de doenças tropicais, e borracha para negociantes e exploradores dos núcleos de Apolo, Rurrenabaque e Reyes, ali já instalados desde 1820. Podemos inferir que Salvatierra era uma espécie de encarregado da exploração dos seringais que os patrões benianos iam abrindo na região. Nesse sentido, controlava certo número de trabalhadores indígenas que, efetivamente, coletavam goma elástica.

Em virtude de seu trabalho, Nicanor Salvatierra foi avançando cada vez mais ao norte, até chegar ao curso do alto rio Madeira, ademais, empreendeu diversas viagens comerciais com seus patrões até a cidade de Belém, na província do Pará, para

<sup>6</sup> As fontes documentais do Fórum Coriolano Lindoso se encontram em blocos enrolados em papel, minimamente conservados, mas sem nenhuma organização. Não sabemos exatamente a composição do acervo, visto ser um conjunto documental de uso inédito. Porquanto, encontramos o processo criminal em uma de nossas explorações abrindo uma por uma das diversas “caixas” do arquivo.

<sup>7</sup> *Dom* é uma forma de tratamento distintivo, em língua espanhola, geralmente utilizado para se referir a pessoas com posses (comerciantes, proprietários, seringueiros, militares etc.).

<sup>8</sup> Estamos nos referindo a uma região político-administrativa da Bolívia. Contudo, a mesma área possui um rio denominado Beni. Portanto, ao longo do trabalho estaremos nos referindo a região do rio Beni, no Departamento de mesmo nome.



escoamento da produção e abastecimento da região beniana. Após a experiência adquirida no rio Madeira, Nicanor ocupou uma pequena extensão de seringais no mesmo rio, pouco abaixo do Abunã e antes das cachoeiras, onde permaneceu pouco tempo, indo se estabelecer no rio Geneshuaya, tributário do Beni. Ainda em meados da década de 1860, mandou vir de Santa Cruz de La Sierra seus irmãos, Antônio e Manoel Telesforo, para ajudarem na descoberta, extração e comercialização da goma elástica.<sup>9</sup>

A economia da borracha na Amazônia, seja boliviana ou brasileira, em especial nos primeiros anos, era fundamentalmente uma atividade familiar. Desde as casas aviadoras nas praças de Belém e Manaus até as sociedades para exploração, transporte e comercialização no rio Madeira e região do Beni (Bolívia), as firmas comerciais eram compostas por pais, filhos e irmãos - algo constante de ocorrer. Podemos citar a firma Suarez Hermanos, conhecida como casa Suarez, uma empresa familiar assentada em *Cachuela Esperanza*, no rio Beni, com filiais nas localidades brasileiras de Santo Antônio do rio Madeira, Manaus; Belém do Pará e na capital inglesa, Londres.

Em outras palavras, a casa Suarez era um verdadeiro império comercial, atuando em diversas frentes, desde a produção agropecuária e extrativista, até o transporte e comercialização de produtos, tendo como motor principal a indústria gomífera.<sup>10</sup>

Desse modo, assim como os irmãos Suarez, dezenas de outros indivíduos atuaram no mesmo sentido, entretanto, com menos sucesso e em menor escala, como é o caso da família Salvatierra. Ademais, destaca-se que os irmãos Nicanor e Antônio permaneceram na Bolívia, explorando e conhecendo, sozinhos ou em sociedade com outras famílias, áreas estratégicas onde podiam situar suas barracas de extração gomífera, como também de abastecimento, bem como ampliar as atividades comerciais nos rios Beni e Madre de Dios.

Por sua vez, nos primeiros anos da década de 1870, Manoel Telesforo partiu em direção ao rio Madeira, rota fluvial utilizada desde o século XVIII, entre a primeira capital do Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade (1752), e as missões espanholas dos rios Guaporé e Mamoré e a cidade de Belém.

No decorrer do século XIX, com o aumento da demanda mundial por borracha e a gradativa perda do valor da quina no mercado internacional, os negociantes e

<sup>9</sup> FERNANDEZ, Hernando Sanabria. *Cruceños Notables*. La Paz: Juventud, 1991, p. 154-155.

<sup>10</sup> MOMBOLIOLA, Anna Guiteras. Estudio introductorio: Nicolás Suárez, pionero y patriota en los confines de la Amazonía boliviana. In: SUÁREZ, Nicolás. *Anotaciones y documentos sobre la Campaña del Alto Acre, 1902-1903* [reedición de la obra original de 1928]. La Paz, Biblioteca del Bicentenario de Bolivia-Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2018, pp. 13-34.



proprietários, em sua maioria oriundos de Santa Cruz de La Sierra, nas décadas de 1840 e 1850 mobilizaram milhares de trabalhadores indígenas provenientes das antigas missões de Mojos e Chiquitos para o trabalho de extração da quina, produção agrícola<sup>11</sup> e transporte fluvial, na década de 1860. Dessa forma, começaram a ocupar as margens do rio Madeira, via de escoamento, abastecimento de mercadorias e região rica em seringais.<sup>12</sup>

Se utilizarmos a título de demonstração o primeiro recenseamento realizado no Brasil em 1872, fazendo as respectivas críticas a precariedade das informações contidas na fonte, as freguesias do rio Madeira: Santo Antônio de Borba e Nossa Senhora das Dores de Manicoré, possuíam respectivamente: 1.266 e 5.180 habitantes, sendo 6 bolivianos residentes na vila de Borba e 753 em Manicoré.<sup>13</sup> Podemos inferir que os migrantes bolivianos recenseados eram, preferencialmente, comerciantes de ascendência espanhola e oriundos de Santa Cruz de La Sierra.

Destarte, os milhares de indígenas dos antigos aldeamentos que desciam o rio Madeira, juntamente com esses negociantes, na categoria de remadores, carregadores e, posteriormente, extratores de goma elástica, não foram incluídos no recenseamento. Nisso, observou-se que com a expansão da economia da borracha na segunda metade do século XIX, o número de migrantes bolivianos livres e/ou compulsoriamente deslocados para o rio Madeira foi consideravelmente maior do que os dados fornecidos pelo recenseamento de 1872. Em vista disso, partindo das limitações das fontes demográficas, a análise das trajetórias abre um horizonte de possibilidades para entender o fluxo migratório boliviano e o avanço da fronteira extrativista no rio Madeira.

Em 1871, seguindo a rota de centenas de patrões bolivianos, Manoel Telesforo Salvatierra, aos 26 anos de idade, desceu o rio Madeira acompanhado de encarregados e indígenas bolivianos domesticados. Em um primeiro momento, instalou uma casa comercial no lugar Baetas, onde recebia e enviava mercadorias para os comerciantes do Beni, na Bolívia, bem como atendia a demanda por trabalhadores e produtos; além dos negociantes brasileiros e bolivianos instalados no rio Madeira.

<sup>11</sup> Apesar da quina e, posteriormente, a borracha ocuparem lugar de destaque nas mercadorias exportadas do departamento do Beni, os gêneros agrícolas e de criação, figurando entre eles o açúcar, cacau, charutos, charque, couros, graxa etc, representavam quase a metade dos produtos enviados, até a década de 1870, pela via do Madeira com destino aos portos brasileiros de Manaus e Belém do Pará.

<sup>12</sup> BLOCK, David. *La cultura reduccional de los llanos de Mojos*. Sucre: Historia Boliviana, 1997, p. 211-212.

<sup>13</sup> DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento do Brasil – Amazonas*. Vol.2. Rio de Janeiro, DGE, 1872.



Assim, Manoel Telesforo comprou de D. Ignácio Arauz, ex-vice-cônsul da Bolívia no Amazonas e comerciante residente no rio Madeira, por 8:500\$000 réis (oito contos e quinhentos mil réis) dois seringais localizados no rio Jacaré/Carapanatuba<sup>14</sup>, afluente da margem esquerda do rio Madeira. Contudo, de acordo com o relatório da comissão de terras do rio Madeira para o ano de 1874, na região já havia se estabelecido uma cadeia de compra e venda de seringais, sem que o primeiro vendedor possuísse título legal, mas que já efetuara venda a terceiros.<sup>15</sup> Devido a isto, Salvatierra se viu envolvido em um conflito com o major Pedro Luiz Simpson, comerciante instalado no rio Madeira desde 1867, devido à incerteza jurídica sobre a posse e delimitação das propriedades recém-adquiridas.

Conforme ofício enviado ao presidente da província do Amazonas, pela firma Salvatierra & Hermanos<sup>16</sup>, do qual Manoel Telesforo era representante no Baetas, em dezembro de 1871, Salvatierra enviou Manoel José Saldaña, boliviano encarregado dos indígenas de mesma nacionalidade, para explorar os seringais legalmente adquiridos por compra de Ignácio Arauz.<sup>17</sup> Em contrapartida, de acordo Pedro Luiz Simpson, o boliviano Manoel Telesforo Salvatierra acompanhado de indígenas da mesma nacionalidade, todos armados e municados, atacaram de surpresa, expulsaram seus trabalhadores, instalaram-se e fizeram derrubadas em dois seringais de sua propriedade no igarapé de Carapanatuba.<sup>18</sup> Contudo, o major Simpson, com o auxílio de 30 guardas nacionais, derrubou as barracas construídas pelos trabalhadores de Salvatierra e os mandaram de volta para o Baetas.

Nesse ínterim, Manoel Telesforo recorreu aos aparatos jurídicos modernos e ao governo provincial, porém, a demora na resolução do conflito por meios legais fez com que Telesforo Salvatierra adotasse o método mais utilizado nas regiões onde havia um

<sup>14</sup> A partir da análise das fontes ficou claro que o rio Jacaré era conhecido por este nome até fins da década de 1870, após esse período passa a ser mais comum encontrar na documentação o nome de Carapanatuba. Nesse sentido, independente da descrição contida nas fontes, para evitar maiores complicações aos leitores, iremos utilizar apenas a denominação de rio e/ou igarapé de Carapanatuba.

<sup>15</sup> BENJAMIN, Feliciano Antonio. *Relatorio apresentado ao exm. sr. Dr. Presidente da Provincia Domingos Monteiro Peixoto, pelo Engenheiro bacharel Feliciano Antonio Benjamin, membro da Comissão de fiscalisação da estrada de ferro do Madeira e Mamoré e de medição e demarcação de terras no Rio Madeira, actualmente encarregado da mesma comissão*. Manaus: Typographia do Commercio do Amasonas, 1874.

<sup>16</sup> Eram signatários da firma comercial os irmãos Nicanor Gonzalo, Antônio e Manoel Telesforo Salvatierra.

<sup>17</sup> Arquivo Público do Estado do Amazonas. Ministério dos Negócios Estrangeiros 1873. *Oficio de Salvatierra & Hermanos al ilustríssimo señor Ministro de Bolívia em el Brasil. Baetas em el rio Madeira, 10 de julio de 1872*.

<sup>18</sup> Amazonas, 21 de setembro de 1872, anno VII, número 470, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/164992/1304>. Acessado em 03 de set. de 2020.



menor controle e presença de agentes estatais, como é o caso do rio Madeira no século XIX; isto é, o uso da força, visto que a posse da terra se dava pela ocupação e capacidade de manter o domínio da propriedade.<sup>19</sup>

Assim, no dia 5 de abril de 1872, Manoel Telesforo Salvatierra partiu em direção a Carapanatuba “con treinta hombres de nuestra gente, indígenas bolivianos y um moso nacional Ramon Chaves, todos con mujeres e hijos, en dos canoas cargadas de comestibles, y fueronse a desembarcar arriba de la casa que destruyo el Mayor Simpson”.<sup>20</sup> Após levantarem uma casa de palha e se estabelecerem, no dia 7 do mesmo mês, Pedro Luiz Simpson acompanhado do capitão José Lauriano Bentes, do tenente Joaquim Theodoro Bentes e de 25 guardas nacionais incendiou as barracas erguidas e deu voz de prisão a Salvatierra, Ramon Chaves e dois indígenas bolivianos, levando-os para a casa do subdelegado Manoel Joaquim Portilho Bentes que, posteriormente, foram enviados para Manaus.

Contudo, ao chegar à Manaus, o boliviano Manoel Telesforo Salvatierra conseguiu, com a ajuda dos negociantes e proprietários do rio Madeira – D. Juan Prado, ex-vice-cônsul da Bolívia no Amazonas e Cassio Carlos Mendes, de quem Salvatierra era aviado – mobilizar a seu favor os aparatos jurídicos da província do Amazonas. Dessa maneira, as articulações de Telesforo Salvatierra junto às autoridades brasileiras e bolivianas alcançou a capital do Império brasileiro e provocou uma interferência estatal direta na disputa pelos seringais. Porquanto, com a expansão do capitalismo sobre novas áreas de exploração, em escala global, e com o avanço da fronteira comercial e extrativista na Amazônia, em nível local, o rio Madeira se converteu em região de interesse estratégico tanto da Bolívia como do Brasil.<sup>21</sup>

Nesse cenário, em 27 julho de 1872, Salvatierra seguiu para o rio Madeira acompanhado do juiz municipal de Manaus, que dentre as questões que devia resolver estava a disputa pelos seringais do rio Carapanatuba.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> LEAL, Davi Avelino. *Direitos e processos diferenciados de territorialização: os conflitos pelo uso dos recursos naturais no Rio Madeira (1861-1932)*. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013, p. 94.

<sup>20</sup> Arquivo Público do Estado do Amazonas. Ministério dos Negócios Estrangeiros 1873. *Ofício de Salvatierra & Hermanos al ....*

<sup>21</sup> CÓRDOBA, Lorena. *El boom cauchero en la Amazonía boliviana: encuentros y desencuentros con una sociedad indígena (1869-1912)*. D. & Villar. *Las tierras bajas de Bolivia: miradas históricas y antropológicas*. Santa Cruz de La Sierra: El País, 2012, p. 129.

<sup>22</sup> Amazonas, 27 de julho de 1872, anno VII, número 454, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164992/1237> Acessado em 03 de set. de 2020.



Sem embargo, podemos inferir que Manoel Telesforo logrou uma decisão favorável à sua causa, visto ter permanecido na posse dos ditos seringais. Se observarmos o mapa da região (Figura 1) veremos que as terras disputadas por Telesforo (ponto 7) e Simpson (ponto 7.1) eram extremamente próximas, daí o conflito pelas estradas de seringa que ficavam na divisa incerta das propriedades. Em contrapartida, o major Pedro Luiz Simpson vendeu as terras que ainda lhe restavam, contíguas a Salvatierra, para Fulgêncio José da Mota Reimão.

Não obstante, a indefinição e a expansão ordenada dos limites territoriais dos seringais, promovida pelos patrões, visando aumentar e controlar um maior número de estradas de seringa, tornava corriqueiro o conflito entre seringalistas. Nesse sentido, vale salientar que o avanço de Salvatierra sobre os seringais do igarapé Carapanatuba culminou em dois processos criminais. Destaca-se que um deles por um por tentativa de homicídio, envolvendo outros seringalistas estabelecidos no mesmo rio, juntamente com seus respectivos trabalhadores.

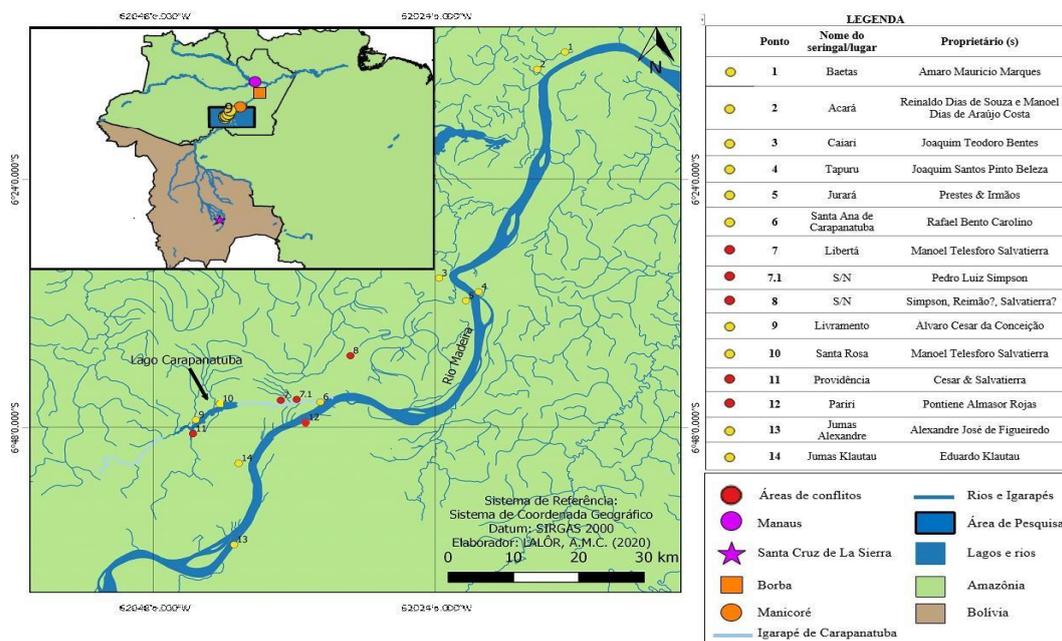
De acordo com os autos do primeiro processo, em 1876, a mando de Salvatierra, o boliviano Eusebio Mendonza, encarregado assalariado, ocupou seringais vizinhos a propriedade de seu patrão, no igarapé Carapanatuba (Figura 1, ponto 8).<sup>23</sup> Se observamos com atenção o mapa abaixo podemos ver o processo de avanço sistemático perpetrado por Telesforo Salvatierra sobre áreas ricas em seringa e, por conseguinte, as zonas de conflito com outros seringalistas pela ocupação e domínio desses seringais. Ademais, ao longo do texto analisaremos as múltiplas facetas da expansão da economia da borracha sobre novos territórios de exploração, a partir das relações sociais estabelecidas por Manoel Telesforo Salvatierra.

---

<sup>23</sup> Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Amazonas. *Autos Crime. Ferimentos graves. Autor: Eusebio Mendonza. Réu: Heliodoro Ferreira Bentes.* Manaus. 1876. Localização: JD. TJUR. PJ.ACFG1876:02(05). Caixa: TJUR (05)



**Figura 1: Médio rio Madeira - Zona de atuação de Manoel Telesforo Salvatierra**



Voltando ao processo, em seu depoimento, Mendoza relatou que Telesforo havia comprado as estradas de seringa do comerciante Joaquim Santos Pinto Beleza. Contudo, ao mesmo tempo, os irmãos João, Romão e Olímpio Prestes, estabelecidos no Jurará (Figura 1, ponto 5), levantaram uma barraca no lote de terras contíguos ao ocupado por Eusebio Mendoza.

A partir do mapa acima, podemos visualizar o avanço de Salvatierra em direção aos seringais nos fundos de sua propriedade, Libertá (ponto 7). Em contrapartida, o mesmo processo de deslocamento dos limites dos seringais foi perpetrado pelos irmãos Prestes, de modo que os trabalhadores de ambos os seringalistas se encontraram disputando as mesmas estradas de seringa (ponto 8).

Em seus depoimentos, os irmãos Prestes afirmaram que a propriedade pertencia a Fulgêncio José da Mota Reimão, que a comprou do major Pedro Luiz Simpson, e havia cedido a eles a exploração de borracha. Assim, pouco tempo depois do encarregado de Salvatierra ter instalado uma barraca, os irmãos Prestes, acompanhados por um grupo de homens armados, pelo subdelegado Joaquim Teodoro Bentes, Heliodoro Ferreira Bentes, Anélio e Constantino Santos Pinto Beleza, invadiram o lugar onde estava Eusebio Mendoza e os trabalhadores indígenas, ordenando para “entregar-lhe a barraca por pertencer a Fulgêncio e não a Salvatierra”.<sup>24</sup> A recusa de Mendoza em abandonar o sítio

<sup>24</sup> Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Amazonas. *Autos Crime. Ferimentos graves...* 1876.



ocasionou em um conflito armado, saindo ferido Anélio dos Santos Pinto Beleza e Mendoza, este com um ferimento a bala disparada por Heliodoro. De acordo com Mendonza, ele e seus companheiros, incluído sua amásia Guadalupe, foram levados presos até a casa de João Prestes, sendo que ele mesmo ferido, obrigado a caminhar toda a distância, sendo logo depois remetido à Manaus, onde conseguiu *habeas corpus*. Ainda, os irmãos Prestes, o subdelegado Bentes e os irmãos Pinto Beleza, aproveitando a ausência dos trabalhadores de Salvatierra, lançaram fogo na barraca e ocuparam as estradas de seringa com seu pessoal.

Além desse processo, outro foi gerado, por tentativa de morte, tendo como réu o escravo João, pertencente a Manoel Dias Araújo Costa, sogro de Salvatierra.<sup>25</sup> Sem embargo, ao chegar à região madeirense, Telesforo realizou matrimônio com Maria Rosa, filha de Manoel Dias, ela pertencente a uma extensa família de proprietários e comerciantes, instalados no rio Madeira desde a década de 1850 (Figura 1, ponto 2).<sup>26</sup> Essa aliança matrimonial garantiu a Salvatierra uma inserção na sociedade local e possibilitou a exploração de áreas ricas em seringais. Porquanto, os laços estabelecidos meramente pelos negócios poderiam se romper com maior facilidade, à medida que surgissem prejuízos ou novas estratégias econômicas. Todavia, os acordos estabelecidos através de alianças matrimoniais e de negócios possuíam caráter mais durável e os vínculos que uniam as partes eram mais fortes. Isto é, de modo que os processos permitissem entrever como os vínculos familiares influenciaram Salvatierra em sua estratégia de ocupação e exploração de estradas de seringa, optando por permanecer ele próximo a residência de seu sogro.

De acordo com as testemunhas do processo, Telesforo andava sempre “conquistando”, através da força, lugares alheios e procurava fazer com Fulgêncio - o mesmo que havia feito com o major Simpson. Como podemos observar, a necessidade de aumentar o número de estradas a serem exploradas, tornou o conflito entre seringalistas uma ocorrência corriqueira. Conforme salientou Davi Leal, “determinado dono de seringal, ou patrão, reunia os seus fregueses, e, usando os termos da época, dirigiam-se

<sup>25</sup> Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Amazonas. *Autos Crime. Tentativa de morte*. Autora: A justiça pública. Réus: Heliodoro Ferreira Bentes, Euzebio Mendoza e João, escravo. Manaus. 1876. Localização: JM.JM.PC.OFTM1876:01(04). Caixa: JM (04).

<sup>26</sup> Manoel Dias de Araújo Costa era sobrinho do capitão Reinaldo Dias de Souza, estabelecido no rio Madeira desde a década de 1850 (veja o ponto 2 na Figura 1). Para maiores informações ver: COSTA, Jéssyka Sâmia Ladislau Pereira. A trajetória de Catharina Maria Rosa da Conceição e a escravidão ilegal no Norte Imperial. *SEMINA (UPF)*, v. 17, p. 81-101, 2018.



para “tomar” as estradas de outro seringalista. Esse choque direto era responsável por muitos mortos e feridos nos seringais”.<sup>27</sup>

Entretanto, além das alianças comerciais e vínculos familiares, Manoel Telesforo tinha a seu serviço centenas de trabalhadores de origens e condições jurídicas diversas. Desde indígenas bolivianos e escravos negros, até cearenses, paraenses e bolivianos livres.

Em realidade, o controle da força de trabalho era o que possibilitava o avanço e o domínio sobre novas áreas de exploração gomífera no rio Madeira. Assim, logo após o conflito com Fulgêncio e os irmãos Prestes pelos seringais de Carapanatuba, Manoel Telesforo, novamente com o apoio de Eusebio Mendonza, auxiliaram o negociante boliviano Pontiene Almasor Rojas na disputa pelos seringais do Pariri, localizados na margem direita do Madeira (Figura 1, ponto 12).

Os referidos seringais haviam sido penhorados por Pontiene ao português Alexandre José de Figueiredo (Figura 1, ponto 13), vizinho do mesmo. Após a falta de pagamento, o comerciante português ganhou em ação judicial para obter a posse das estradas de seringa.<sup>28</sup> Contudo, auxiliado por Salvatierra e Mendonza, Pontiene Almasor Rojas logrou impedir as tentativas de Alexandre José de Figueiredo para ocupar o território, tendo incendiado e destruído barracas e plantações dos fregueses do seringalista.<sup>29</sup> As idas e vindas nessa disputa perdurou por uma década e envolveu outros comerciantes e proprietários da região, como é o caso do boliviano Dom Antônio Chaves que comprou de Alexandre o seringal Pariri, em 1884, e acabou se envolvendo na disputa com Salvatierra e Pontiene. Não obstante, com a fuga de Salvatierra para a Bolívia, Antônio Chaves ocupou efetivamente o seringal Pariri. Nesse sentido, as tensões e conflitos não tinha a ver com a nacionalidade, mas os interesses distintos dos indivíduos que tentavam controlar a mesma propriedade.

Todavia, apesar dos conflitos, Manoel Telesforo Salvatierra aumentou gradativamente sua riqueza, advinda da comercialização e exploração da goma elástica, e adquiriu novos seringais na região. Dessa vez, comprou de Manoel Soares Botelho uma propriedade com o nome de Santa Rosa (Figura 1, ponto 10), no lago de Carapanatuba,

<sup>27</sup> LEAL, *Op Cit.* 2013, p. 73.

<sup>28</sup> Amazonas, 3 de abril de 1881, anno XV, número 553, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/164992/2901>. Acessado em: 20 de set. de 2020

<sup>29</sup> Jornal do Amazonas, 3 de fevereiro de 1877, anno II, número 161, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/260940x/584>. Acessado em: 20 de set. de 2020; Amazonas, 14 de julho de 1878, anno XII, número 151, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/164992/1613>. Acessado em: 20 de set. de 2020



com barracas, bem feitorias e estradas de seringueiras; todas vizinhas ao seringal do português Álvaro Cesar da Conceição.<sup>30</sup>

Nesse ínterim, Telesforo estabeleceu com Álvaro Cesar uma sociedade, denominada Cesar & Salvatierra, para exploração e comercialização de goma elástica, tendo como aviadores a firma B. A. Antunes & Cia. do Pará. Tal como os vínculos familiares as alianças comerciais constituíam estratégias eficazes para a inserção social e permanência dos migrantes, bolivianos ou portugueses na comunidade local. Muito provavelmente a sociedade com Álvaro Cesar foi estratégica não apenas pela estruturação financeira, mas pela inserção em uma rede de ajuda mútua. Porquanto, segundo Weinstein, a maioria das casas de aviamento instaladas no Pará e Amazonas eram de portugueses que controlavam a quase totalidade do comércio.<sup>31</sup> Desse modo, as pequenas firmas do interior, como é o caso da Cesar & Salvatierra permaneciam negociando dentro da comunidade portuguesa.

Apesar disso, as redes de negócios e alianças comerciais podiam ser rompidas caso houvesse conflito de interesses entre as partes. Desse modo, em 1885, Telesforo e Álvaro romperam a sociedade, dissolvendo a firma comercial, porque entraram em uma disputa pelo domínio e exploração do seringal Providência (Figura 1, ponto 11), localizado no lago de Carapanatuba que haviam adquirido em sociedade.

Dessa forma, no dia 19 de fevereiro de 1885, Manoel Telesforo Salvatierra, acompanhado de um oficial de justiça, de 50 pessoas armadas e municadas, em sua maioria indígenas bolivianos, foi a residência de Álvaro Cesar, “notificar” acerca de um mandado de desapropriação.<sup>32</sup> O confronto durou cerca de meia hora, totalizando 7 mortos e 14 feridos, e só terminou com o ferimento de Manoel Telesforo.<sup>33</sup> Ambos seringalistas e trabalhadores envolvidos acabaram sendo processados. Contudo, Álvaro Cesar e Telesforo Salvatierra foram absolvidos das acusações.<sup>34</sup>

Podemos observar que o conflito entre os patrões adquiria novos contornos, pois envolvia os trabalhadores de ambos os proprietários. Segundo Leal, o conflito por terras

<sup>30</sup> Jornal do Amazonas, 2 de março de 1884, anno IX, número 903, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/260940/1013>. Acessado em: 20 de set. de 2020.

<sup>31</sup> WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 92.

<sup>32</sup> Jornal do Amazonas, 2 de abril de 1885, anno X, número 1044, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/260940x/1036>. Acessado em: 20 de set. de 2020

<sup>33</sup> Diário de Notícias, 7 de março de 1885, anno VI, número 53, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/763659/3929>. Acessado em: 20 de set. de 2020

<sup>34</sup> de Notícias, 26 de junho de 1885, anno VI, número 142, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/763659/4238>. Acessado em: 20 de set. de 2020



ricas em seringais materializa não apenas uma disputa pelas estradas de borracha, “mas objetiva também um domínio sobre os homens que ali viviam. Para o contexto de área de expansão da fronteira extrativista, assim como o controle dessas estradas, somado ao controle do crédito, é uma forma de imobilizar a mão de obra”.<sup>35</sup> Apesar disso, a despeito dos múltiplos conflitos, Telesforo continuou negociando no rio Madeira, tendo criado e fortalecido suas redes de negócios com portugueses, brasileiros e bolivianos. Essas conexões com sujeitos de diversas origens demonstravam como o comerciante boliviano foi bem sucedido em sua trajetória de crescimento e enriquecimento na região. Todavia, a disputa por seringais com Álvaro Cesar se estendeu até o ano de 1887, quando um último conflito culminou no assassinato de Álvaro.

De acordo com o processo criminal, no dia 25 de julho de 1887, às 3 horas da tarde, subia o igarapé de Carapanatuba, em uma canoa, os infelizes Álvaro Cesar da Conceição, o caixeiro Henrique Giescking (alemão) e os índios mura Antônio Castanheiro e Crispim.<sup>36</sup> Segundo os autos, no meio do caminho foram com barbárie e traiçoeiramente assassinados por Domingos José Freitas Guimarães (cearense), Francisco Antônio Franco (cearense) e João Francisco Xavier em uma emboscada a mando de Manoel Telesforo Salvatierra, Rafael Bento Carolino (português) e Francisco Barros Cardoso (brasileiro). Os três primeiros eram fregueses de Manoel Telesforo, já os dois últimos eram importantes negociantes e proprietários que possuíam uma relação de amizade e negócios com Salvatierra.

Ao que parece, o único a escapar foi o índio Crispim. Isto segundo os autos de perguntas feito pelo subdelegado Capitão Joaquim Teodoro Bentes, tendo como intérprete Lazaro de Almeida Braga, que entendia a língua geral que falava o índio mura. Nesse sentido, o interrogado respondeu chamar-se “Chrispim, que não sabe sua idade, mas representa ter sessenta annos, solteiro, que ignora a filiação, que não tem profissão, natural desta provincia e morador de Carapanatuba”. Ainda disse que ia em companhia de Álvaro Cesar, seu patrão, para o lago de Carapanatuba, onde moravam, e que em viagem encontraram a canoa de Manoel Telesforo Salvatierra encostada na beira do igarapé, sem nenhuma pessoa dentro e que mais adiante, “rompeo fogo de ambos os lados do Igarapé, caindo logo morte o mesmo Alvaro Cezar da Conceição para dentro da canoa;

<sup>35</sup> LEAL, *Op. Cit.* 2013, p. 74.

<sup>36</sup> Arquivo do Fórum da Comarca de Manicoré. *Sumário de Culpa*. Autora: A Justiça Pública. Réus: Manoel Telesforo Salvatierra, Francisco Barros Cardoso, Rafael Bento Carolino, Domingos José Freitas Guimarães, Francisco Antônio Franco, João Francisco Xavier. Manicoré, 1887, 326 fls.



que viu cinco pessoas das que atiravao, conhecendo na ocasião Manoel Thelesphoro Salvatierra ser uma delas”.<sup>37</sup>

Tendo sido preso, Manoel Telesforo fugiu para a Bolívia, de onde negociou a venda de suas propriedades no rio Madeira<sup>38</sup> e, em sociedade com seus irmãos, dedicou-se a exploração de novos seringais na região beniana. De acordo com Gioda e Forenza, em 1890, Telesforo possuía um seringal denominado Bella Brisa, no rio Beni, acima do Madre de Dios que explorava acompanhado de 15 trabalhadores.<sup>39</sup> No entanto, “devido aos ferimentos que recebeu, que jamais cicatrizaram”, quando do conflito com Álvaro Cesar no Madeira, acabou falecendo, em 1891, em sua propriedade no rio Beni.<sup>40</sup>

Podemos visualizar no mapa (Figura 1) todo processo conflituoso de avanço da exploração gomífera descrito ao longo do texto. Contudo, para além dos conflitos e tensões que envolveu a sua trajetória, Manoel Telesforo Salvatierra se tornou o epicentro de uma rede migratória de bolivianos, pequenos comerciantes oriundos de Santa Cruz de La Sierra e indígenas dos antigos aldeamentos de Mojos e Chiquitos para o rio Madeira. Além disso, a partir da história de vida desse sujeito podemos perceber o caráter familiar do processo migratório boliviano. Porquanto, num primeiro momento, os negociantes naturais de Santa Cruz de La Sierra tiveram como estratégia a permanência de familiares na região beniana, enquanto outros eram enviados ao Madeira como trabalhadores assalariados dos patrões bolivianos já estabelecidos na província do Amazonas.

Conseqüentemente, a permanência de familiares e sócios no Beni garantia aos negociantes bolivianos estabelecidos na província do Amazonas um constante fluxo de produtos agrícolas e indígenas para atender a demanda por mão de obra nos seringais da região madeirense. Paralelamente, as propriedades de patrões bolivianos situadas ao longo das margens do rio Madeira e afluentes se tornaram um entreposto comercial para o abastecimento das canoas que desciam da Bolívia até Serpa, ou seja, para embarcarem nos vapores para o Pará. E, mesmo com a introdução da navegação a vapor no rio Madeira, os remeiros indígenas bolivianos que desciam as cachoeiras nas caravanas comerciais acabavam por serem alugados aos proprietários brasileiros e bolivianos no rio

<sup>37</sup> Arquivo do Fórum da Comarca de Manicoré. *Sumário de Culpa*, 1887, p. 35.

<sup>38</sup> A Província do Amazonas, 11 de março de 1888, anno 1, número 63, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/850950/55>. Acessado em: 20 de set. de 2020.

<sup>39</sup> GIODA, Alain; FORENZA A. Luigi Balzan, les rivières et le climat de l'Orient bolivien dans la presse de son temps (1890-1894). In: *Anuario del Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia*, ABNB, Sucre: 2003, p. 199-200.

<sup>40</sup> SILVA, Bernardo da Costa e. *Viagens no sertão do Amazonas: do Pará á costa do mar Pacífico pelo Amazonas, Bolívia e Peru*. Porto: Typ. de A. J. de Sousa e Irmão, 1891, p. 103.



Madeira para trabalharem na extração de goma, enquanto seus patrões iam fazer seus negócios em Belém ou além-mar.

Nesse sentido, as redes sociais foram importantes não apenas para o deslocamento, mas na ordem do sucesso e permanência desses migrantes, bem como tornou possível o domínio sobre uma força de trabalho diversa. E esta, por conseguinte, foi crucial para o avanço da fronteira extrativista no rio Madeira e afluentes.

### **Salvatierra e o mundo do trabalho no rio madeira**

Através da análise da trajetória de Telesforo Salvatierra também é possível identificar o emaranhado complexo das relações sociais constituídas no mundo do trabalho do rio Madeira no século XIX. As relações de trabalho na região de produção gomífera eram múltiplas e implicavam variados níveis de associações e interesses. Desse modo, o movimento da frente de expansão sobre novas áreas de exploração de goma elástica ocasionou o crescimento da demanda por força de trabalho. Índios, negros – cooptados compulsoriamente –, migrantes nacionais e estrangeiros foram a força motriz de toda produção na Amazônia na segunda metade do XIX.

Dessa forma, para iniciar o exame das relações de trabalho começaremos recuperando as testemunhas do processo de 1887 acerca da acusação do assassinato do português Álvaro, imputada ao súbdito boliviano Manoel Telesforo Salvatierra.<sup>41</sup> No decorrer do processo, além de Salvatierra, foram ouvidos 22 indivíduos que declararam exercer as mais diferentes ocupações e manter laços diversos no mundo do trabalho do rio Madeira. Assim, o exame de suas declarações em associação a outras fontes nos permitiu reconstruir o diversificado mundo do trabalho e as relações em que estavam inseridos esses sujeitos.

Das 22 testemunhas ouvidas no processo, 1 era do sexo feminino e 21 do sexo masculino. Ademais, todas as pessoas chamadas para inquirição estavam em diferentes níveis, envolvidas para além do assassinato de Álvaro Cesar, isto é, com as atividades de produção gomífera na região de Manicoré, onde está situado o igarapé de Carapanatuba. Sendo que a partir de 1870, essa região já despontava como grande centro de produção e atraía nisso milhares de pessoas, nacionais e estrangeiros. Assim, ao analisarmos as

<sup>41</sup> Arquivo do Fórum da Comarca de Manicoré. *Sumário de Culpa*. Autora: A Justiça Pública. Réus: Manoel Telesforo Salvatierra, Francisco Barros Cardoso, Rafael Bento Carolino, Domingos José Freitas Guimarães, Francisco Antônio Franco, João Francisco Xavier. Manicoré, 1887, 326 fls.



origens declaradas pelas testemunhas podemos encontrar: Portugal (1), Bolívia (2), Espanha (1), Marrocos (1), Pará (3), Ceará (7) e Amazonas (7). Além disso, nessa região o comércio era quase todo controlado por estrangeiros, preferencialmente portugueses e bolivianos, que após alguns anos de prática se tornavam seringalistas.<sup>42</sup>

De acordo com o processo, Salvatierra utilizava o porto do seringal do português Rafael Bento Carolino (Figura 1, ponto 6) para enviar sua produção de borracha pelos vapores que por ali passavam até a cidade de Belém do Pará. Tendo em vista que o barracão de Carolino era situado fora do povoado de Manicoré, este mantinha relações com Isaac Serfaty, natural do Marrocos, morador e comerciante instalado no povoado, possivelmente um intermediário nas negociações para o escoamento e abastecimento através das canoas de regatão, dos seringais da região.<sup>43</sup>

Contudo, nem todos estrangeiros se ocupavam das atividades comerciais. O espanhol Pedro Duran era carpinteiro e estava em Carapanatuba, temporariamente com o objetivo de construir uma casa para Salvatierra. Já os bolivianos Manoel de Jesus Gil Baca e Manoel Gatuto declararam, respectivamente, serem lavrador e seringueiro.<sup>44</sup> Apesar das declarações distintas, ambos eram fregueses de Telesforo e trabalhavam na coleta de seringa. Na maioria das vezes, ser lavrador no rio Madeira do século XIX quase sempre implicava atuar na extração de borracha.

A presença de trabalhadores bolivianos no curso do rio Madeira era algo comum e muitos deles, além de serem comerciantes, deslocavam-se ou eram compulsoriamente cooptados para exercerem diferentes posições no mundo do trabalho da região. Havia aqueles que voluntariamente acompanhavam os negociantes bolivianos para as áreas de produção gomífera para ocuparem posições estratégicas e de melhor status social, ou seja, como responsáveis pela fiscalização e exploração das estradas de seringa. Se observamos o mapa (Figura 1) podemos ver que Telesforo Salvatierra, ao mesmo tempo que estava instalado no lago de Carapanatuba, possuía ou ocupou inúmeros sítios com estradas de seringa distribuídas pela região e bem distantes entre si. Destaca-se nisso que algumas podiam levar até dois dias de distância em canoas para serem acessadas. Em função disso,

<sup>42</sup> Em recente dissertação, a historiadora Paula Rosa analisou detalhadamente a presença de portugueses no rio Madeira, ver: ROSA, Paula de Souza. *Os portugueses no rio Madeira: imigração, estratégias políticas e sociais (1840-1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará: Belém, 2019.

<sup>43</sup> Os regatões eram agentes sociais de grande importância na sociedade amazônica, principalmente devido às conexões que estabeleciam com os comerciantes das praças de Manaus e Belém e com os diferentes grupos indígenas, ver: HENRIQUE, Márcio Couto; MORAIS, Laura Trindade de. Estradas líquidas, comércio sólido: índios e regatões na Amazônia (século XIX). *Revista de História*, n. 171, p. 49-82, 2014.

<sup>44</sup> Arquivo do Fórum da Comarca de Manicoré. Sumário de Culpa...1887, p. 29



podemos inferir que os comerciantes escolhiam alguns homens de sua confiança para ficarem incumbidos de garantir a posse das “estradas de seringa”, como também supervisionar os trabalhadores e, sobretudo, a produção gomífera desses seringais.

Era justamente ocupando um lugar de confiança e de grande importância na lógica de ocupação dos seringais que localizamos o boliviano Eusebio de Mendonza, 26 anos de idade, natural de Santa Cruz de La Sierra. Considerado um dos homens de confiança de

Salvatierra, em 1876, Mendoza estava encarregado de explorar diversas estradas de seringa pretendidas por seu patrão no lago de Carapanatuba (Figura 1, ponto 8). De modo geral, esses encarregados depois de passarem um tempo nessa posição acabavam adquirindo pequenos seringais e arrematando seus próprios trabalhadores. Contudo, não ficavam totalmente independentes dos laços anteriores, pois muitos se tornavam aviados de seus antigos patrões e permaneciam atuando em um comércio de menor escala.

Como analisado anteriormente, enquanto estava atuando como encarregado de Salvatierra na região de Carapanatuba, Mendoza acabou envolvido em disputas pelo controle das estradas de seringa que devia fiscalizar e explorar.<sup>45</sup> Esses conflitos originaram dois processos, através dos quais podemos identificar os trabalhadores que estavam submetidos ao controle de Eusebio Mendonza, sendo alguns indígenas bolivianos e até mesmo um escravizado chamado João, pertencente a Manoel Dias de Araújo Costa, sogro de Telesforo Salvatierra.<sup>46</sup>

Não era incomum a existência de trabalhadores escravizados na extração de borracha.<sup>47</sup> E, assim como João, somente na Paróquia de Nossa Senhora de Manicoré, localizada às margens do rio Madeira, os dados de Recenseamento Geral do Império de 1872 apresentaram a existência de 163 escravizados, sendo 80 homens e 83 mulheres.<sup>48</sup> Em relação ao trabalho, eles foram classificados majoritariamente nas ocupações de “lavoura” e “serviço doméstico”.

<sup>45</sup> Para uma análise mais ampla dos conflitos nos seringais do rio Madeira, ver: LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, varadouros e tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do Rio Madeira (1880-1930)*. Mestrado em Sociedade e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

<sup>46</sup> Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Amazonas. *Autos Crime. Ferimentos graves*. Autor: Eusebio Mendonza. Réu: Heliodoro Ferreira Bentes. Manaus. 1876. Localização: JD. TJUR. PJ.ACFG1876:02(05). Caixa: TJUR (05); Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Amazonas. *Autos Crime. Tentativa de morte*. Autora: A justiça pública. Réus: Heliodoro Ferreira Bentes, Eusebio Mendoza e João, escravo. Manaus. 1876. Localização: JM.JM.PC.OFTM1876:01(04). Caixa: JM (04).

<sup>47</sup> Laurindo Junior identificou a presença de escravizados em seringais na província do Pará. LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. *Escravidão e Extrativismo na Província do Pará: século XIX*. Fronteiras do tempo: Revista de Estudos Amazônicos, nº 5, 2014, p. 73-86.

<sup>48</sup> DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento do Brasil – Amazonas*. Vol.2. Rio de Janeiro, DGE, 1872.



Sendo assim, uma década após esse levantamento, o número de escravizados na região dobrou de tamanho, passando de 163 para 342 indivíduos.<sup>49</sup> Esse aumento pode estar relacionado a crescente concentração de escravos no setor extrativista. Dessa forma, ao analisar um conjunto de inventários, Patrícia Melo destaca como, a partir da década de 1880, os proprietários de seringais passaram a controlar cerca de 56,2% dos escravos declarados na documentação.

Por sua vez, os agricultores detinham 37,5%; e os comerciantes com apenas 6,2% dos cativos.<sup>50</sup> Ainda segundo a historiadora, este grupo poderia ter utilizado a posse de escravos como uma forma a mais de investimento de capital. Contudo, é notável a utilização de mão de obra escravizada como importante força de trabalho nos seringais amazônicos.

Quanto aos trabalhadores bolivianos, podemos identificá-los ocupando duas posições distintas no mundo do trabalho. A primeira era formada de indivíduos livres, comerciantes, proprietários e encarregados, em sua maioria de ascendência espanhola e originários de Santa Cruz de La Sierra, como foi o caso de Eusébio de Mendoza.

A segunda categoria é trabalhadores indígenas submetidos a um sistema de trabalho compulsório e oriundos das pequenas aldeias e povoados do Beni. Essa divisão pode ser vista nos casos de Manoel de Jesus Silva Baca e Manoel Gatuto que declararam serem naturais, respectivamente de Santa Cruz e San Ramon. O último, muito possivelmente um indígena boliviano trazido, inicialmente, na condição de remeiro de Telesforo Salvatierra, sendo depois empregado no serviço de extração da borracha.

Apesar do processo criminal não fazer menção da etnia dos indígenas, a pesquisa desenvolvida por Gary Van Valen indica que a maior parte dos indígenas bolivianos trazidos para o Madeira eram da etnia *Mojos*, deslocados das bacias do Beni, Mamoré e Guaporé.<sup>51</sup> Segundo o autor, antes mesmo do crescimento da produção de borracha, eram frequentes que embarcações de comerciantes bolivianos com remeiros indígenas navegassem o rio Madeira, negociando diversos produtos como carne salgada, cigarros, açúcar e outros que eram trocados por outras mercadorias em Serpa (Itacoatiara), Vila Bela da Imperatriz (Parintins), Manaus e Belém. Todavia, após 1850, com o aumento da

<sup>49</sup> SOUTO, Theodoro Carlos de Farias. *Exposição apresentada á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da primeira sessão da decima sétima legislatura em 25 de março de 1884 pelo presidente, dr. Theodoro Carlos de Faria Souto*. Manaus, Tip. do Amazonas, 1884.

<sup>50</sup> SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Os fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquias sociais em Manaus, 1840-1880*. Editora da Universidade do Amazonas, 1997, p. 153.

<sup>51</sup> VALEN, Gary Van. *Indigenous agency in the Amazon: The Mojos in liberal and Rubber-Boom Bolivia*. Tucson: The University of Arizona Press, 2013.



demanda internacional por goma elástica, a presença dos indígenas bolivianos passou a ser ainda mais frequente e em maior proporção na província do Amazonas.

Em outras palavras, passaram a ser comuns as notícias de que comerciantes bolivianos, ao descerem do Beni viessem acompanhados de tripulação composta por centenas de indígenas que eram distribuídos nos seringais do Madeira para seringalistas bolivianos e, até mesmo, brasileiros, enquanto seus patrões iam nos vapores negociar nas praças de Belém e Manaus. Não é à toa que Telesforo Salvatierra tinha sob seu controle uma grande quantidade de índios bolivianos e fazia uso dessa força de trabalho em diferentes atividades.

Em 1872, durante seu conflito com Luiz Pedro Simpson foi “acompanhado de 30 indígenas bolivianos e todos armados e municiados” para tentar reaver as estradas de seringa que julgava lhe pertencer.<sup>52</sup> Esses indígenas bolivianos eram “contratados”, de forma coercitiva nas prefeituras das vilas dos antigos aldeamentos espanhóis de *Mojos* e *Chiquitos* para exercerem, num primeiro momento, a ocupação de remeiros e depois terminavam alocados nos seringais madeirenses.<sup>53</sup>

Ao percorrer o rio Madeira, em 1874, Franz Keller relatou a dificuldade de conseguir uma navegação para sair de Manaus em direção ao rio Madeira, sendo essa viagem possível apenas depois da intervenção do então cônsul boliviano, Dom Ignacio Arauz.<sup>54</sup> O cônsul conseguiu convencer um comerciante italiano que retornava à Bolívia conceder “com a devida compensação [...] alguns de seus barcos com o número requerido de indígenas *Mojos* e *Canichana*” e serviriam de remeiros. Keller descreveu ser comum a existência desses indígenas bolivianos, sendo eles “as únicas pessoas que via trabalhando nas ruas”, andando pela cidade de Manaus com seus trajes típicos e ocupados em diversas atividades, seja carregando tartarugas, seja buscando lenha para as casas, bem como servindo nas construções.<sup>55</sup>

De acordo com Keller, a presença desses sujeitos em proporções significativas na cidade de Manaus era devido ao fato de ali ganharem dez vezes mais do que podiam ganhar no seu país de origem, sendo este um dos motivos da intensa corrente migratória boliviana para o Amazonas. Desse modo, acompanhado de oito índios bolivianos, Franz

<sup>52</sup> Amazonas, 21 de setembro de 1872, número 470, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164992/1304>. Acessado em: 20 de set. de 2020

<sup>53</sup> BLOCK, David. *La cultura reduccional de los llanos de Mojos*. Sucre: Historia Boliviana, 1997.

<sup>54</sup> KELLER, Franz. *The Amazon and Madeira river: sketches and descriptions from the note-book of an explorer*. New edition with sixty-eight illustrations on wood. Philadelphia: J. B. Lippincott & Co., 1874, p. 36-40

<sup>55</sup> KELLER, Franz. *Op. Cit* 1874, p. 36.



Keller começou a viagem subindo o rio Madeira e ao se aproximar do distrito de Crato notou a existência de “dez ou doze seringueiros bolivianos, cada um deles trabalhando com 20 a 30 indígenas *Mojos*, que os fariam homens ricos em poucos anos”.<sup>56</sup>

Vale lembrar que no século XIX ainda não havia uma distinção clara entre seringalista e seringueiro, de modo que muitas vezes o proprietário era denominado como seringueiro. Nesse sentido, podemos afirmar que Keller encontrou cerca de 10 ou 12 patrões bolivianos, cada um com aproximadamente 20 ou 30 indígenas *mojenhos*, ou seja, um total de mais de 200 indivíduos oriundos da Bolívia.

Quase sempre, aos trabalhadores indígenas bolivianos eram atribuídas características como *habilidosos*, *aptos*, *aclimatados* e *obedientes*, opiniões compartilhadas tanto por estrangeiros como brasileiros. Foi usando essas afirmações que em 1875 uma publicação anônima no periódico *Jornal do Amazonas*, direcionada ao presidente da província do Amazonas, Antônio de Passos Miranda, ao descrever as necessidades mais urgentes requeridas pelos moradores do rio Madeira, propunha a imigração boliviana como caminho para alavancar o crescimento da região.

Ademais, observa-se que o anônimo afirmava que naquela região habitavam “mais de três mil bolivianos de ambos os sexos, e quase todos empregados no comércio e pequena agricultura”, qualificando-os como “dotados de boa índole e muito dedicados ao trabalho”. Devido a isto, sugeria ao presidente que se elaborasse um projeto para conceder terras e ferramentas de trabalho agrícolas assentando-os no curso do rio. Desse modo, o autor asseverava como “a emigração boliviana será uma excelente aquisição, não só por ser gente *morigerada* e de *bons costumes*, como também *laboriosa* e *dedicada ao trabalho* [grifo nosso]”.<sup>57</sup>

Interessante destacar que, assim como Keller, o autor da publicação exaltou as qualificações que expressavam as expectativas tanto de nacionais como de estrangeiros em relação aos trabalhadores e, sobretudo, ao lugar que deveriam ocupar no mundo do trabalho. Nesse sentido, as classificações de “dedicados ao trabalho”, “morigerados”, “obedientes” não estavam despidas de intencionalidades.

Na verdade, através delas os patrões deixaram definidos quais suas perspectivas quanto ao papel dos trabalhadores ao seu serviço e sob seu domínio. Essas referências se assemelham as aplicadas por senhores de escravizados em anúncios de compra, aluguel

<sup>56</sup> KELLER, Franz. *Op. cit.*, 1874, p. 40.

<sup>57</sup> *Jornal do Amazonas*, 4 de outubro de 1875, anno I, nº 40, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/260940x/110>. Acessado em: 03 de set. de 2020.



ou fuga nos jornais. Segundo José Maia Bezerra Neto, esses atributos deixam transparecer “a projeção senhorial sobre as características e qualidades imprescindíveis ao trabalhador, projeto senhorial que era parte e constituinte de uma ética do trabalho no mundo da escravidão”.<sup>58</sup> Dessa forma, há nessas qualificações, direcionadas à mão de obra escravizada e livre, nacional ou estrangeira, a tentativa de estabelecer uma ética do trabalho através da qual esperava-se que os trabalhadores se comportassem, ou seja, submissos aos parâmetros impostos pelos valores paternalistas da fidelidade e obediência.

Na prática, a aplicação dessa ética do trabalho estava cercada por ações coercitivas e violentas. A mencionada “adaptabilidade” do indígena boliviano, com efeito, era resultado da aplicação de práticas compulsórias de cooptação e controle impostas sobre esses indivíduos. Não obstante, ao voltar de sua expedição ao rio Madeira, em 1878, o presidente da província do Amazonas, Agesilão Pereira da Silva, relatou as condições precárias as quais estavam submetidos os indígenas bolivianos nos distritos de Crato, Abelhas e Santo Antônio:

Recebendo diminuto salario, mal alimentados e ainda pior vestidos, são obrigados a um serviço pesadíssimo, que lhes é distribuído por tarefa, e do qual tem de dar conta, quer possam quer não, sob pena de serem castigados com açoites, cujo número varia segunda a gravidade da falta e a índole do feitos que os aplica. Mais de um desses infelizes há sucumbido, segundo informaram a tão bárbaros castigos [...]. Se qualquer desses míseros para subtrair-se aos maus tratos que recebe, foge da companhia de seu patrão, arma-se este e da-lhe caça de barraca em barraca, até que o agarra e fa-lo voltar ao seu poder. Nestas ocasiões e por tal falta, é que o castigo ordinariamente excede a tudo quanto se pode imaginar de rigoroso e severo.<sup>59</sup>

O presidente da província havia viajado para região depois de uma denúncia realizada pelo vice-cônsul da Bolívia, Dom Ignacio Arauz, ou seja, patrões brasileiros que estariam seduzindo os trabalhadores bolivianos para suas estradas de seringa. Contudo, Agesilão afirmou ser a denúncia de Arauz completamente falsa. Nisso, atribuiu a fuga dos trabalhadores aos maus tratos sofridos e aplicados pelos seus compatriotas. Entretanto, a denúncia do vice-cônsul não deve ser ignorada completamente. As fontes nos mostram que toda mão de obra disponível na região era alvo de disputas entre os

<sup>58</sup> BEZERRA NETO, José Maia. Mercado, conflitos e controle social. Aspectos da escravidão urbana em Belém (1860-1888). *Revista História & Perspectiva*, Uberlândia (41): jul.dez, 2009, p. 283

<sup>59</sup> Jornal do Amazonas, 14 de fevereiro de 1878, ano III, nº 226, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/260940x/764>. Acessado em: 03 de set. de 2020.



patrões, brasileiros e estrangeiros, em especial sobre os trabalhadores indígenas bolivianos.

A fim de compreendermos melhor isto, tomemos como exemplo Dom Francisco Suarez, que estando em Serpa, parada obrigatória aos comerciantes bolivianos que desciam o rio Madeira em direção ao Pará, denunciou o subdelegado de polícia Jesuíno da Costa Fonseca de conservar em seu poder os índios bolivianos, seus trabalhadores, sem permissão. Dessa maneira, o subdelegado, em 1869, teria sido ordenado a prender alguns indígenas que haviam fugido da canoa do patrão Suarez; todavia, ao invés de devolvê-los os manteve sob seu serviço e submetidos a severos castigos. Assim, Jesuíno Fonseca alegou serem falsas as acusações, ainda que mantivesse o índio Cruz e Paulo por concessão recebida diretamente do vice-cônsul Dom Ignácio Arauz. Em suma, o subdelegado apresentou ao juiz municipal uma carta da mencionada permissão para ter os índios Paulo Zeco e Cruz Cruzeiro, sob sua guarda, até que surgisse “uma ocasião para serem remetidos a Bolívia”.<sup>60</sup>

Contudo, na carta transcrita não existe nenhuma autorização para utilização dos indígenas, mas o subdelegado não só fazia uso da força de trabalho destes como ainda os enviou para o seringal Tabocal, pertencente ao seu compadre e parente Francisco Rodrigues Vieira. Ora, a distribuição de concessões de indígenas bolivianos a brasileiros poderia ser uma estratégia utilizada para fortalecer os laços sociais, políticos e econômicos; principalmente entre as autoridades locais e os patrões bolivianos.

As disputas pelo controle da força de trabalho dos indígenas perduraram por muito tempo entre comerciantes e seringalistas do rio Madeira. Em 1883, no distrito de Araras, o seringalista português Manoel Maria de Moraes acusou o boliviano Ignácio Veloso de ser movido pelo desejo de vingança, por ter sido despedido do serviço, como também para invadir suas estradas de seringa e “levar dela treze índios bolivianos, que o dito Moraes havia legalmente contratado” e, por essa razão, requeria que lhe fossem restituídos.<sup>61</sup>

Além dos bolivianos, no processo criminal analisado neste trabalho, também estão presentes testemunhas brasileiras oriundas do Pará (3), Ceará (7) e Amazonas (7). As três testemunhas do Pará eram: Joaquim Theodoro Bentes, comerciante e subdelegado de

<sup>60</sup> Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Amazonas. *Sumario de Culpa procedido por crime de Responsabilidade*. Manaus. 1869. Localização: JD.JD.PJ.SCRP1869:03(03). Caixa: JD(03)

<sup>61</sup> Amazonas, 6 de abril de 1883, anno XVII, n. 855, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/164992/3817>. Acessado em: 03 de set. de 2020



polícia; Gerinaldo Antônio dos Santos, natural de Santarém, pescador; e Raymundo Acácio de Jesus Palheta, natural de Barcarena, seringueiro e assalariado.<sup>62</sup> Os dois últimos eram fregueses de Telesforo Salvatierra e se ocupavam do serviço de coleta de seringa no lago de Caranapatuba. Gerinaldo e Raymundo faziam parte da significativa migração paraense em direção aos rios Solimões, Madeira, Purus e Juruá, importantes centros de produção gomífera.

Em 1870, João Wilkens de Mattos, presidente da província do Amazonas, destacou que se “a imigração estrangeira deixou de dirigir-se para esta província, outro tanto não acontece com a nacional”.<sup>63</sup> Wilkens apontava a existência de um considerável fluxo migratório oriundo das regiões das Comarcas de Gurupá e Santarém, localizados na vizinha província do Pará que entrava com destino aos rios Madeira e Purús para se dedicarem à indústria extrativista.

Segundo Barbará Weinstein, o movimento rumo ao oeste amazônico foi tão intenso que a população do Pará decresceu ligeiramente entre 1870 e 1880, ao passo que o número de habitantes amazonenses aumentou.<sup>64</sup> Entretanto, a presença dos trabalhadores paraenses não era bem quista por todos, a mesma publicação que citamos anteriormente defendendo a imigração boliviana posicionava-se de forma negativa acerca da corrente migratória paraense em direção ao rio Madeira. Nisso, o autor classificava a migração paraense como completamente negativa para a região, pois “não tem pessoal habilitado, morigerado e (dado) ao trabalho, homens inteiramente (inaptos) ao serviço da agricultura, e viciados”.<sup>65</sup> Talvez, a rejeição aos trabalhadores paraenses estivesse relacionada a uma questão racial, porquanto podemos inferir que os migrantes paraenses eram formados por indivíduos de cor negra, homens e mulheres de condição livre, recém-libertos e mesmo escravizados. Essa visão era compartilhada tanto pelas autoridades públicas quanto particulares que identificavam os altos rios como destino de fugas de escravizados que aproveitavam o movimento de expansão das fronteiras para buscar melhores condições de vida.<sup>66</sup>

<sup>62</sup> Arquivo do Fórum da Comarca de Manicoré. Sumário de Culpa...1887.

<sup>63</sup> MATTOS, João Wilkens. *Relatório lido pelo exm. o sr. presidente da província do Amazonas, tenente-coronel João Wilkens de Mattos, na sessão d'abertura da Assembleia Legislativa Provincial á 25 de março de 1870*. Manaus, 1870, p. 28.

<sup>64</sup> WEINSTEIN, Barbará. *Op. Cit.* 1993, p. 72.

<sup>65</sup> Jornal do Amazonas, 4 de outubro de 1875, anno I, nº 40, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/260940x/110>. Acessado em: 03 de set. de 2020.

<sup>66</sup> CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha. *Uma viva e permanente ameaça: resistência, rebeldia e fugas de escravos no Amazonas Provincial (c.1850-c.1882)*. Dissertação de mestrado. UFAM: Manaus, 2013.



Do mesmo modo, atraídos pelos discursos que desenhavam a província do Amazonas como um espaço de incontáveis riquezas e possibilidades de enriquecimento, chegaram milhares de nordestinos, principalmente cearenses. Nos autos do processo, todas as testemunhas oriundas do Ceará ocupavam no momento da inquirição a função de seringueiros, algumas vezes aliada a outras atividades. Eles são: Leandro José da Silva, João Avelino de Souza, Manoel Serafim (lavrador), lavrad Francisco Antônio Franco, Antônio José de Souza, Domingos José de Freitas Guimarães (carpina) e Virgílio Nunes Sarmento (alfaiate). Os últimos cinco estavam a serviço de Teleforo Salvatierra, sendo que dois deles (Domingos e Francisco) foram acusados pelo assassinato do português Álvaro Cesár.

De acordo com Antônio Alexandre Isídio Cardoso, a migração nordestina com destino a Amazônia pode ser mapeada desde 1845, quando já podemos identificar um fluxo de deslocamento entre o Ceará e o Amazonas.<sup>67</sup> O autor assevera como esse movimento estava em concatenação com demandas de diferentes ordens que partiam tanto dos interesses do Estado, do capitalismo internacional, das elites regionais, como também dos próprios sujeitos-migrantes em trânsito.

Esses trabalhadores ficavam submetidos à cadeia de endividamento contínuo chamada na região de aviamento. Essa ferramenta consistia no adiantamento de víveres e materiais de trabalho à crédito com valores exorbitantes em troca dos produtos extrativistas. A partir do adensamento da expansão de fronteiras e o advento dos migrantes nordestinos, essa estratégia foi reforçada pelos proprietários dos seringais como forma de fixar esses sujeitos a seu serviço e exercerem assim o controle sobre seu deslocamento.<sup>68</sup>

Ainda, o processo criminal faz referência a dois indígenas Muras, Crispim e Antônio Castanheiro que serviam ao falecido Álvaro Cesar da Conceição e estavam juntos do patrão na hora do atentado. Crispim foi o único a sobreviver por ter-se jogado dentro do rio quando se iniciou a saraivada de tiros contra a embarcação na qual estava junto com seu patrão. Isto reflete um processo comum na Amazônia do período, uma vez que com o adensamento da economia da borracha, observa-se que muitos indígenas de

<sup>67</sup> O autor esclarece que apesar de não ser “possível visualizar em 1845-1846 uma política dirigida abertamente pelo Estado no fito enviar pessoas para outros locais do Império [...] é importante não deixar de perceber que essas movimentações existiam, inclusive, com algum auxílio oficial”. CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. *Nem sina e nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1852-1877)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2011.

<sup>68</sup> LEAL, Davi Avelino. *Op Cit.* 2013, p. 64-69, 75-82.



diferentes etnias se envolveram com a produção gomífera, alguns voluntariamente; contudo, a maioria de forma compulsória.<sup>69</sup>

Note-se que ao analisarmos em conjunto todos os níveis de relações presente na produção de goma elástica no rio Madeira, descrevemos uma força de trabalho formada por sujeitos com status social, origem e condições jurídicas diferentes, mas que se encontravam dispostos no mundo do trabalho da Amazônia na segunda metade do século XIX.

Nesse sentido, indígenas (nacionais e bolivianos), mestiços, cearenses, paraenses e escravos formaram a classe trabalhadora responsável por transformar os produtos nativos em produtos do capital e geradores de riqueza. Longe da afirmação de que a produção gomífera foi marcada pelo trabalho livre, demonstramos como a compulsoriedade foi um traço marcante no mundo do trabalho.<sup>70</sup> Com efeito, Manoel Telesforo Salvatierra, assim como outros homens do seu tempo, para atender as demandas do mercado internacional e seus próprios interesses utilizou-se de toda a força de trabalho disponível sem, aparentemente, preferir uma em detrimento da outra, visto que as distintas categorias de trabalhadores atendiam as diversas necessidades desse comerciante e seringalista no rio Madeira do século XIX.

### Considerações finais

Utilizando a trajetória do negociante Manoel Telesforo Salvatierra buscamos demonstrar, a partir da microanálise através das redes sociais, o caráter familiar do fluxo migratório boliviano e a importância dessas relações para o avanço e domínio sobre áreas ricas em seringais no rio Madeira na segunda metade do século XIX. Ao mesmo tempo, contar a história desse indivíduo possibilitou visualizar como a expansão da fronteira

---

<sup>69</sup> O historiador Márcio Couto Henrique destaca como uma das estratégias de ocupação do Estado Imperial para ocupação do território ao logo do rio Madeira foi a criação de Missões. Com a expansão da extração de borracha, muitos povos indígenas se envolveram neste trabalho, principalmente os Munduruku". HENRIQUE, Márcio Couto. *Sem Vieira Nem Pombal: índios na Amazônia no século XIX*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, p. 83/74.

<sup>70</sup> Importantes pesquisas têm analisando como a questão da persistência da compulsoriedade nas relações de trabalho seja em sociedades marcadas pela escravidão ou mesmo naquelas onde esse sistema já havia sido abolido, ver: COOPER, Frederick; SCOTT, Rebecca Jarvis; HOLT, Thomas Cleveland. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Editora Record, 2005; STEINFELD, Robert J. *Coercion, contract, and free labor in the nineteenth century*. Cambridge University Press, 2001; PAZ, Adalberto. *Repúblicas contestadas: liberdade, trabalho e disputas políticas na Amazônia do século XIX*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.



extrativista e comercial na Amazônia foi extremamente conflituosa. Porquanto, durante os quase 20 anos de permanência na região madeirense, Telesforo Salvatierra esteve envolvido recorrentemente em disputas, na maioria das vezes sanguinárias por seringais no rio Madeira e afluentes.

Todavia, para além dos conflitos e tensões que envolve sua trajetória, Manoel Telesforo se tornou o epicentro de uma rede migratória de bolivianos, pequenos comerciantes oriundos de Santa Cruz de La Sierra e indígenas dos antigos aldeamentos de Mojos e Chiquitos, para o rio Madeira. Em decorrência disso, os negociantes bolivianos acabavam por alimentar uma rede de informações que permitiu a migração de outros conterrâneos, provocando um efeito em cadeia e tornando as redes autossustentáveis.

Por fim, a análise do percurso transcorrido por Telesforo Salvatierra possibilitou demonstrar a forte presença de bolivianos, fosse na condição de patrões ou trabalhadores como agentes da expansão gomífera no rio Madeira, bem como aproximar ainda mais o debate historiográfico que busca compreender as conexões existentes nas fronteiras amazônicas.

Foi ainda possível examinarmos a pluralidade das relações existentes no mundo do trabalho do rio madeira, na segunda metade do XIX. Um universo composto de sujeitos de origens e condições jurídicas diversas onde as categorias de trabalho escravo, livre e/ou compulsório, além de coexistirem, eram utilizadas de forma complementares no mundo do trabalho na Amazônia Oitocentista. Assim, indígenas (brasileiros e bolivianos), mestiços, migrantes (bolivianos, paraenses e cearenses) e negros (escravos e livres) cujas vidas foram atravessadas, condicionadas e até mesmo destruídas no processo de expansão da fronteira extrativista, eram pessoas reais que visavam emergir e, subitamente, desaparecer no emaranhado complexo do processo histórico.

**Data de submissão:** 22/07/2020

**Data de aceite:** 21/10/2020



## Fontes

### a) Periódicos – Arquivo Hemeroteca Digital

A Província do Amazonas (PA)

Diário de Belém (PA)

Diário de Notícia (PA)

Jornal do Amazonas (AM)

Amazonas (AM)

### b) Arquivo Público do Estado do Amazonas

Ministério dos Negócios Estrangeiros 1873. *Ofício de Salvatierra & Hermanos al ilustríssimo señor Ministro de Bolívia em el Brasil. Baetas em el rio Madeira, 10 de julio de 1872.*

### c) Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Amazonas - Manaus

Sumario de Culpa procedido por crime de Responsabilidade. Manaus. 1869. Localização: JD.JD.PJ.SCRP1869:03(03). Caixa: JD(03).

Autos crimes de ofensas física e Tentativa de Morte. Manaus. 1876. Localização: JM.JM.PC.OFTM1876:01(04). Caixa: JM(04).

Autos Crimes de Ferimentos Graves. Manaus. 1876. Localização: JD.TJUR.PJ.ACFG1876:02(05). Caixa: TJUR(05).

### d) Arquivo do Fórum da Comarca de Manicoré.

Arquivo do Fórum da Comarca de Manicoré. Sumário de Culpa. Autora: A Justiça Pública. Réus: Manoel Telesforo Salvatierra, Francisco Barros Cardoso, Rafael Bento Carolino, Domingos José Freitas Guimarães, Francisco Antônio Franco, João Francisco Xavier. Manicoré, 1887, 326 fls.

### e) Relatório de Presidente de Província

MATTOS, João Wilkens. *Relatório lido pelo exm. o sr. presidente da província do Amazonas, tenente-coronel João Wilkens de Mattos, na sessão d'abertura da Assembleia Legislativa Provincial á 25 de março de 1870.* Manaus, 1870

BENJAMIN, Feliciano Antonio. *Relatorio apresentado ao exm. sr. Dr. Presidente da Provincia Domingos Monteiro Peixoto, pelo Engenheiro bacharel Feliciano Antonio Benjamin, membro da Comissão de fiscalisação da estrada de ferro do Madeira e Mamoré e de medição e demarcação de terras no Rio Madeira, actualmente encarregado da mesma commissão.* Manaus: Typographia do Commercio do Amasonas, 1874.

SOUTO, Theodoreto Carlos de Faria. *Exposição apresentada á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da primeira sessão da decima sétima legislatura*



em 25 de março de 1884 pelo presidente, dr. Theodoro Carlos de Faria Souto. Manaus, Tip. do Amazonas, 1884.

#### f) Outros

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento do Brasil – Amazonas*. Vol.2. Rio de Janeiro, DGE, 1872.

KELLER, Franz. *The Amazon and Madeira river: sketches and descriptions from the note-book of an explorer*. New edition with sixty-eight illustrations on wood. Philadelphia: J. B. Lippincott & Co., 1874.

#### Referências Bibliográficas

BEZERRA NETO, José Maia. **Mercado, conflitos e controle social. Aspectos da escravidão urbana em Belém (1860-1888)**. Revista História & Perspectiva, vol 22, n. 41: jul.dez, 2009, pp. 267-298.

BLOCK, David. **La cultura reduccional de los llanos de Mojos**. Sucre: Historia Boliviana, 1997.

CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. **Nem sina e nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1852-1877)**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2011.

CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha. **Uma viva e permanente ameaça: resistência, rebeldia e fugas de escravos no Amazonas Provincial (c.1850-c.1882)**. Dissertação de mestrado. UFAM: Manaus, 2013.

COOPER, Frederick; SCOTT, Rebecca Jarvis; HOLT, Thomas Cleveland. **Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação**. Editora Record, 2005.

CÓRDOBA, Lorena. **El boom cauchero en la Amazonía boliviana: encuentros y desencuentros con una sociedad indígena (1869-1912)**. In: D. & Villar. Las tierras bajas de Bolivia: miradas históricas y antropológicas. Santa Cruz de La Sierra: El País, 2012.

COSTA, Jéssyka Sâmia Ladislau Pereira. **A trajetória de Catharina Maria Rosa da Conceição e a escravidão ilegal no Norte Imperial**. SEMINA (UPF), v. 17, p. 81-101, 2018.

COSTA, Jéssyka Sâmia Ladislau Pereira. **Por todos os cantos da cidade: escravos negros nos mundos do trabalho na Manaus oitocentista (1850-1884)**. Niterói, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2016.

FERNANDEZ, Hernando Sanabria. **Cruceños Notables**. La Paz: Juventud, 1991.



GINZBURG, Carlo. **A Micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

GIODA, Alain; FORENZA A. **Luigi Balzan, les rivières et le climat de l'Orient bolivien dans la presse de son temps (1890-1894)**. In: Anuario del Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia, ABNB, Sucre: 2003.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Sem Vieira Nem Pombal: índios na Amazônia no século XIX**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

HENRIQUE, Márcio Couto; MORAIS, Laura Trindade de. **Estradas líquidas, comércio sólido: índios e regatões na Amazônia (século XIX)**. Revista de História, n. 171, 2014, pp. 49-82.

LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. **Escravidão e Extrativismo na Província do Pará: século XIX**. Fronteiras do tempo: Revista de Estudos Amazônicos, nº 5, 2014, p. 73-86.

LEAL, Davi Avelino. **Direitos e processos diferenciados de territorialização: os conflitos pelo uso dos recursos naturais no Rio Madeira (1861-1932)**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

LEAL, Davi Avelino. **Entre barracões, varadouros e tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do Rio Madeira (1880-1930)**. Dissertação de Mestrado. Programas de Pós-graduação, UFAM/Sociedade e Cultura na Amazônia, Manaus, 2007.

MOMBLIOLA, Anna Guiteras. **Estudio introductorio: Nicolás Suárez, pionero y patriota en los confines de la Amazonía boliviana**. In: SUÁREZ, Nicolás. Anotaciones y documentos sobre la Campaña del Alto Acre, 1902-1903 [reedición de la obra original de 1928]. La Paz, Biblioteca del Bicentenario de Bolivia- Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2018.

PAZ, Adalberto. **Repúblicas contestadas: liberdade, trabalho e disputas políticas na Amazônia do século XIX**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

ROSA, Paula de Souza. **Os portugueses no rio Madeira: imigração, estratégias políticas e sociais (1840-1920)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará: Belém, 2019.

SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. **Os fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquias sociais em Manaus, 1840-1880**. Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

SILVA, Bernardo da Costa e. **Viagens no sertão do Amazonas: do Pará á costa do mar Pacífico pelo Amazonas, Bolívia e Peru**. Porto: Typ. de A. J. de Sousa e Irmão, 1891.

STEINFELD, Robert J. **Coercion, contract, and free labor in the nineteenth century**. Cambridge University Press, 2001.

VALEN, Gary Van. **Indigenous agency in the Amazon: The Mojós in liberal and Rubber-Boom Bolivia**. Tucson: The University of Arizona Press, 2013.



WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**.  
São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

